

Organizadores:

**Carlos Ventura Fonseca
Camille Johann Scholl
Gláucia Helena Motta Grohs**

ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA NA UFRGS (2017-2023):

**EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS
DE NOSSAS LICENCIATURAS**



Organizadores:

Carlos Ventura Fonseca
Camille Johann Scholl
Gláucia Helena Motta Grohs

ESTÁGIOS DE DOCÊNCIA NA UFRGS (2017-2023):

**EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS
DE NOSSAS LICENCIATURAS**



1.ª Edição - Copyrights do texto - Autores e Autoras

Direitos de Edição Reservados à Editora Terried

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.



O conteúdo dos capítulos apresentados nesta obra são de inteira responsabilidade d@s autor@s, não representando necessariamente a opinião da Editora.

Permitimos a reprodução parcial ou total desta obra, considerado que seja citada a fonte e a autoria, além de respeitar a Licença Creative Commons indicada.

Conselho Editorial

Adilson Cristiano Habowski - ***Currículo Lattes***

Adilson Tadeu Basquerote Silva - ***Currículo Lattes***

Alexandre Carvalho de Andrade - ***Currículo Lattes***

Anísio Batista Pereira - ***Currículo Lattes***

Celso Gabatz - ***Currículo Lattes***

Cristiano Cunha Costa - ***Currículo Lattes***

Denise Santos Da Cruz - ***Currículo Lattes***

Emily Verônica Rosa da Silva Feijó - ***Currículo Lattes***

Fabiano Custódio de Oliveira - ***Currículo Lattes***

Fernanda Monteiro Barreto Camargo - ***Currículo Lattes***

Fredi dos Santos Bento - ***Currículo Lattes***

Guilherme Mendes Tomaz dos Santos - ***Currículo Lattes***

Leandro Antônio dos Santos - ***Currículo Lattes***

Lourenço Resende da Costa - ***Currículo Lattes***

Marcos Pereira dos Santos - ***Currículo Lattes***

Diagramação:

Editora TerriED

Revisão:

dos organizadores.

Capa:

Eduarda Johann Scholl

CAPÍTULO 9

ENSINAR HISTÓRIAS COM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE PORTO ALEGRE: EXPERIÊNCIAS DE COMPARTILHAMENTOS EM ESTÁGIOS DE LICENCIATURA

Carla Beatriz Meinerz¹

Felipe Neitzke Nunes²

Maurício Lemos Leão³

Doi: 10.48209/978-65-84959-42-8

INTRODUÇÃO AO COMPARTILHAMENTO: CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA

Não tenho dúvida de que a *confluência* é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece (BISPO DOS SANTOS, p.15, 2023).

O texto objetiva refletir sobre as especificidades da realização do estágio de docência em História no Ensino Fundamental, no contexto do semestre UFRGS 2022/2, realizado de novembro de 2022 a abril de 2023, incluindo período de

1 Campus Litoral Norte/UFRGS. Atuou no curso de Licenciatura em História até 2023/1.

E-mail: carlameinerz@gmail.com, Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/9741624321390195>.

2 Graduando no curso de Licenciatura em História. E-mail: ffn1913@gmail.com

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3254595784168669>

3 Graduando no curso de Licenciatura em História. E-mail: sr.mauricioll@gmail.com,

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/6823889421539314>

recesso das atividades escolares. A escrita resulta de parceria entre a professora Carla Beatriz Meinerz, orientadora do estágio, e os estudantes Felipe Neitzke Nunes e Maurício Lemos Leão, estagiários da licenciatura em História em 2022/2. A dissociação entre os calendários escolares e o calendário acadêmico da Universidade foi decorrência dos ajustes pós experiência pandêmica no contexto da COVID – 19, a partir da qual se faz memória e solidariedade com as vítimas, suas famílias e comunidades.

Refletimos e analisamos as experiências desenvolvidas no estágio de docência, cuja centralidade proposta esteve no ensino de histórias quilombolas, com foco nos quilombos urbanos da cidade de Porto Alegre, estabelecendo relações entre escolas e comunidades do entorno. Inspirados por Bispo dos Santos (2023) entendemos que os desafios da construção de um estágio docente em momento em que as escolas estavam sem atividades de aulas, fez-nos confluir para a compreensão de outros espaços educativos para além da escola, como campos de estágio possíveis. Intentamos confluir para espaços comunitários como comunidades quilombolas e espaços de Hip Hop da cena porto-alegrense, numa busca de compartilhamento de saberes.

A professora orientadora na FACED/UFRGS fez contato prévio com professores e gestores de escolas do município e do estado, assim como entre lideranças comunitárias quilombolas e do Hip Hop, criando-se o seguinte horizonte para as atividades de ensino do estágio fundamental: estudos sobre ensino de história com ênfase no conceito de quilombo e comunitarismo; planejamento de formação para professores e visita/observações nas escolas e nas comunidades quilombolas; estudo e resenha das Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (DCNEEQ, 2012); formação preparada pelo grupo de estágio e oferecida nas escolas com sugestões de atividades; atividades com estudantes em aula, após retorno das escolas; compartilhamentos em seminários e produção de relatório reflexivo sobre docência em história na dimensão do comunitarismo, com desenvolvimento reflexivo sobre os conhecimentos construídos, tendo em vista a literatura acadêmica contemporânea da

área da formação docente e da didática. Nos estudos realizados utilizamos Maria Beatriz Nascimento (2006a, 2006b), para ampliar o conceito de Quilombo/Kilombo como experiência da diáspora africana no Brasil. Igualmente estudamos os quilombos urbanos através do Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS (2021).

Tal experiência reverberou nas aulas na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Sarmiento Leite, lugar da realização de um dos estágios em análise, da seguinte forma: aulas expositivas e dialogadas com os alunos da rede básica de ensino, ampliando o seu conhecimento sobre a dimensão das comunidades quilombolas de Porto Alegre, cidade em que a escola está alocada. Foi proposto para os jovens, como atividade, a pesquisa das comunidades quilombolas existentes em Porto Alegre, estimulando assim os alunos a pesquisarem e ampliarem seus conhecimentos. Destaca-se a reação positiva e empolgada dos estudantes na pesquisa e descoberta do mapa da cidade e da presença quilombola, igualmente da consideração sobre o pouco conhecimento sobre tal temática, obrigatório nos currículos escolares, especialmente de escolas próximas de quilombolas. Considera-se igualmente a visitação coletiva aos quilombos uma experiência singular na formação dos licenciandos, ao permitir estabelecer alianças ou confluências entre o conhecimento estudado ou não na universidade e a realidade das comunidades escolares e das comunidades quilombolas.

A seguir narramos brevemente o contexto das atividades de estágio.

O COMPARTILHAMENTO COMO METODOLOGIA NAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO

A proposta de realização do estágio de docência em História no ensino fundamental em 2022/2, enfrentou os desafios de ocorrer num calendário acadêmico atípico e bastante indissociado do calendário das escolas, pois iniciamos no final de novembro daquele ano, exatamente quando os jovens estavam concluindo suas avaliações escolares. As atividades de ensino do estágio, orientadas no

Moodle, começavam com uma frase da Professora que expressa o contexto que desejamos explicitar:

2022/2 será um semestre singular para a realização de estágios de docência na UFRGS. Encontraremos bons caminhos para uma formação qualificada e capaz de pensar o ensino de história em seus compromissos com a educação. Nossa turma será nossa comunidade de aprendizado (bell hooks, 2010) e de trocas criadas em coletividade. A premissa é de que o aprendizado não se relaciona apenas com espaços institucionalizados de educação, mas funde-se neles na medida em que formula pensamento crítico (Carla Meinerz, Moodle EDU02087, 2022/2).

Começamos nos conhecendo e compreendendo a proposta de fazer o estágio de forma mais coletiva, tendo inclusive o oferecimento de uma formação para professores das escolas envolvidas. A forma era mais comunitarista e o conteúdo era direcionado para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, focando a experiência singular dos quilombos no Brasil. A turma não conhecia muito sobre quilombos urbanos porto-alegrenses e foi desafiada para tal estudo. Começamos estudando textos sobre Quilombos/Kilombos e Hip Hop no contexto de Porto Alegre, observando-os como espaços educativos e que podem compor com ações de ensino nos estágios. Na sequência fizemos visitas de observação coletiva em escolas municipais e estaduais, agendadas previamente com as direções, articuladas com visitas a espaços como o Galpão Cultural do Hip Hop no Morro da Cruz, o Quilombo dos Machado e o Quilombo da Mocambo. Estudamos o Atlas da Presença Quilombola em Porto Alegre (2021).

Numa visita na EMEB Doutor Liberato Salzano Vieira da Cunha, no bairro Sarandi, zona norte do município de Porto Alegre, relatada no Trabalho de Conclusão de Curso de Maurício Lemos Leão (2023), podemos observar a reflexão a seguir:

[...] Um espaço escolar quilombola, nas imediações do Quilombo dos Machado. Nesse dia, a turma do estágio de docência, mediada pela professora Carla Beatriz Meinerz, iria realizar uma atividade de formação com os professores da escola sobre a educação escolar quilombola e contaríamos com a presença do líder comunitário do Quilombo dos Machados, Luiz Rogério Machado (Jamaica).

Durante a sua fala, Jamaica comentou que em uma viagem a Brasília (DF), para discutir questões quilombolas, um dos membros do governo presente na reunião questionou se ele era realmente do Rio Grande do Sul, pois até onde ele saberia “não havia negros e quilombolas no RS”. [...] A Lei 10.639/03, sancionada por Luiz Inácio Lula da Silva, alterou a Lei 9.394/96 e estabelece nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) a inclusão da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura da África e dos Afro-brasileiros em escolas de ensino fundamental e médio, públicas e privadas de todo o país. Essa lei foi fruto das lutas e reivindicações de movimentos sociais e de intelectuais negros, assim como de seus aliados, que enxergavam na educação brasileira o silenciamento, esquecimento e apagamento das contribuições e agência africana e afro-brasileira na história. Tais apagamentos são reflexo de séculos de colonialismo, ocidentalismo e de um currículo eurocêntrico, que valoriza os ideais europeus e que narra a história da África e do Brasil a partir do prisma do colonizador, reforçando visões distorcidas e tentando subalternizar a cultura e história de grupos étnicos e raciais. Este epistemicídio (GOMES, 2017), impacta negativamente na formação dos estudantes, que muitas vezes concluem a educação básica com a cosmovisão do colonizador e sem se verem representados na narrativa oficial, pois tiveram a sua história intencionalmente apagada e esquecida (LEÃO, 2023).

As visitas tornaram-se momentos também de nos aproximarmos em trocas afetuosas na turma de estágio, construindo-se pouco a pouco uma comunidade de aprendizagem profunda e capaz de congrega com as quilombolas e escolares. Para bell hooks,

[...] um dos perigos que encaramos em nossos sistemas educacionais é a perda do sentimento de comunidade, não apenas a perda de proximidade com as pessoas com quem trabalhamos e com nossos alunos e alunas, mas também a perda de um sentimento de conexão e proximidade com o mundo além da academia. (hooks, 2021, p. 26)

A conexão com distintos espaços foi uma metodologia de compartilhamento que ultrapassou os limites da relação universidade e escola, sobretudo possibilitou momentos de retomada de sentimentos de pertencimento comunitário.

Ao final, foi importante construir o ENSAIO/RELATÓRIO FINAL do Estágio de Docência História Ensino Fundamental, cujo objetivo foi “refletir teoricamente no campo da HISTÓRIA e da EDUCAÇÃO, a partir das experimentações vividas no estágio de docência - deve-se pensar o vivido e pensá-lo com alguma fundamentação nas PRODUÇÕES da área do Ensino de História, ENFATICAMENTE PENSANDO A HISTÓRIA ENSINADA LOCALMENTE SOBRE QUILOMBOS”.

Importa ressaltar que após essas visitas coletivas e observações de espaços escolares e quilombolas, tivemos um tempo de planejamento e consolidação da formalização dos Termos de Estágio, para então começar um breve tempo de docência em salas de aula, culminando com uma formação, em conjunto com a liderança do Quilombo dos Machado, para os professores da Escola Municipal Liberato Salzano.

A seguir trazemos brevemente alguns conceitos sobre comunidades quilombolas e saberes construídos na cultura acadêmica e escolar.

OS SABERES QUILOMBOLAS OU SOBRE A HISTÓRIA DOS QUILOMBOS NA UNIVERSIDADE

A Terra é o meu quilombo.
Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou.
Quando eu estou, eu sou. (NASCIMENTO in ÔRÍ, 1989)

Ao estudar sobre a história quilombola e escutar a Mestra Elaine do Quilombo da Mocambo, pudemos conhecer mais de uma história pouco aprofundada na própria graduação. E, na medida em que fomos estudando, igualmente sentimos o quanto ainda precisamos saber mais sobre a história em questão. Ao mesmo tempo, conseguimos coletivamente construir um processo de formação continuada para professores da educação básica, na forma de slides compartilhados entre nós, com mestres quilombolas e com educadores.

Maria Elaine Rodrigues Espíndola esteve numa aula conosco e contou sua trajetória. Ela nasceu em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, no dia 23 de

março de 1947. Filha de Maria Eulália Rodrigues e de José Francisco Rodrigues, sendo a primeira mulher *Griô* condecorada pela Câmara Municipal de Vereadores, em 2010, na Semana de Consciência Negra da cidade. A declaração chegou pelas palavras do Mestre Giba Giba, aos pés da obra *Tambor*⁴, primeira obra do Museu do Percurso Negro, localizada no antigo Largo da Forca, hoje no centro histórico. Recebeu o primeiro reconhecimento através de José Alves Bitencourt (Mestre Lua/ GT Angola Janga), no processo da criação do CRAB – Centro de Referência Afro-brasileiro, nos anos 90 do século XX, momento em que o significado da tradição de *griotagem* começava a ser evidenciado no Movimento Negro gaúcho. A MOCAMBO- Associação Remanescente de Quilombo Amigos e Moradores da Cidade Baixa e Arredores ou QUILOMBO DA MOCAMBO, considera o território que ocupa um solo sagrado, um lugar de memória e de história inegociável na qualidade de patrimônio cultural da cidade de Porto Alegre.

Destaca-se que o Quilombo da MOCAMBO - está em processo de certificação como comunidade quilombola junto à Fundação Cultural Palmares, em conformidade com o Decreto Federal nº 4.887, de 20/11/2003.

Mas, o que é um quilombo?

Segundo Maria Beatriz Nascimento (1989) o quilombo se transforma na medida dos espaços e tempos onde pessoas negras da diáspora africana estão. Quilombo é uma experiência que nasce na África, na pré-diáspora e no território hoje chamado Angola. É um termo do Povo Imbangala que significa a instituição em si, os próprios indivíduos ao se incorporarem à sociedade, não necessariamente pelo nascimento, pois tratavam-se de sociedades abertas aos estrangeiros. Foi um povo que inicialmente resistiu aos portugueses em seus processos de ocupação e migração interna. O termo foi se ressignificando em África e mais ainda a partir da migração forçada na forma de cativo para o Brasil. Aqui ele adquire outras formas em distintas experiências dos períodos pré e pós-abolição. O que

4 Monumento público e obra artística localizada na Praça Brigadeiro Sampaio, antigo Largo da Forca, com autoria de Gutê, Leandro Machado, Maria Elaine Espíndola Rodrigues, Mattos, Pelópidas Thebano e Xaplin – artistas e griôs porto-alegrenses. Dimensões: 275x120cm. Inaugurado em 2010. Ponto de referência Museu do Percurso do Negro em Porto Alegre.

antes era sinônimo de fuga e/ou resistência, hoje significa a ancestralidade negra de determinada comunidade, que compartilha um mesmo território e uma mesma cultura. Nessa perspectiva, Nascimento (2006b) propõe a ideia de Kilombo.

Os quilombos urbanos se colocam nessa dimensão dos espaços de remanescentes em territórios que guardam memórias, práticas e direitos das pessoas negras, consolidando positivamente a identidade dos negros e seus descendentes que vieram em migração forçada de regiões e etnias da África pré-diaspórica. A Educação escolar quilombola ressignifica o passado e o presente a partir da perspectiva do conhecimento histórico qualificado acerca da história e cultura africana e afro-brasileira, conforme as Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (DCNERER, 2004) e as DCNEEQ (2012).

Um princípio já estabelecido nas DCNERER (2004) afirma que [...] a valorização da diversidade daquilo que distingue os negros dos outros grupos que compõem a população brasileira. E isto requer mudança nos discursos, raciocínios, lógicas, gestos, posturas, modo de tratar pessoas negras. Requer também que se conheça a sua história e cultura.

As políticas educacionais brasileiras orientam que as ações nas escolas reconheçam, façam conhecer e valorizem os saberes das comunidades de remanescentes de quilombos em nosso País. A Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (DCNEEQ) observam que:

IV – deve ser ofertada por estabelecimentos de ensino localizados em comunidades reconhecidas pelos órgãos públicos responsáveis, como quilombolas, rurais e urbanas, **bem como por estabelecimentos de ensino próximos a essas comunidades e que recebem parte significativa dos estudantes oriundos dos territórios quilombolas** (Grifo nosso);

V – deve garantir aos estudantes o direito de se apropriar dos conhecimentos tradicionais e das suas formas de produção de modo a contribuir para o seu reconhecimento, valorização e continuidade.

Tal destaque coloca em evidência que a formação docente na graduação em espaços universitários como as licenciaturas têm a função social de preparar professores para ensinar a história quilombola e para acessar os saberes ancestrais destas comunidades.

SOBRE A HISTÓRIA DOS QUILOMBOS NA ESCOLA

Refletir e construir junto aos alunos do ensino básico reflexões acerca da história das comunidades quilombos se reflete em um desafio para o docente. Primeiro que ao analisarmos a Base Nacional Comum Curricular de História para o ensino fundamental, visualizamos que o termo quilombo/quilombolas se encontra somente em uma das habilidades de conhecimento do 9.º ano: (EF09HI21) Identificar e relacionar as demandas indígenas e quilombolas como forma de contestação ao modelo desenvolvimentista da ditadura. (BRASIL, 2018, P.36). Como compreender um fenômeno social e histórico que passou por mudanças de concepção ao longo da história estando restrito somente ao recorte histórico de sua relação com a ditadura militar brasileira contemporânea?

Por outro lado, quilombos e comunidades quilombolas são também abordados na sala de aula e estudado pelos alunos nos 7.º e 8.º anos do ensino fundamental dentro de um contexto de resistência à escravização nos séculos XVII e XVIII, novamente dentro de um recorte histórico estrito. Nota-se que muitas vezes esse debate não é aprofundado, muito menos trazido para a realidade atual dos alunos. Para uma reflexão que englobe as transformações que o conceito e as comunidades quilombolas sofreram ao longo da história é necessário que o professor rompa com a lógica de “deixar no passado” e traga para a sala de aula os desafios atuais que as comunidades enfrentam. É justamente isso que foi proposto para nós, docentes em formação na universidade, e que da mesma forma foi proposto para os alunos do ensino básico.

Uma primeira etapa para a abordagem do tema em sala de aula é recapitular a história dos quilombos/quilombos nas sociedades africanas e seu papel na resistência à escravização, mas esse não pode ser o ponto final. É necessário avançar através do tempo mostrando também os seus legados entre as gerações seguintes e os seus desafios nos dias atuais. Ao entendermos as comunidades quilombolas como constituintes da sociedade brasileira atual com suas demandas próprias, lutas pelos seus direitos e reconhecimento à existência, quebramos a primeira

barreira para o conteúdo ser abordado na sala de aula. Para Ilka Boaventura Leite (2000), tudo isto se explicita quando entra em cena a noção de quilombo como forma de organização, de luta, de espaço conquistado e mantido através de gerações. O quilombo, então, na atualidade, significa para esta parcela da sociedade brasileira sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente e apenas um passado a ser lembrado.

Partindo dessa concepção, o quilombo deixa de ser um conceito estático no passado, e torna-se um conceito em movimento. Mais do que isso, as comunidades quilombolas deixam de ser comunidades legadas ao passado e passam a ser construtoras do presente e do futuro. Não é somente trazer a continuidade e importância da vida das comunidades quilombolas para a sala de aula, é necessário aproximar o conteúdo da vida cotidiana dos estudantes. Como isso é possível? Uma das abordagens para aproximar os alunos das realidades atuais das comunidades quilombolas é utilizar o enfoque da História Local. Segundo Samuel (1990, p.220):

A História Local [...] é encontrada dobrando a esquina e descendo a rua. Ela pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos.

Entende-se a História Local não somente como a história dos grandes feitos regionais, dos grandes personagens políticos, mas sim de uma história das pessoas do dia a dia, daqueles que constituem a sociedade brasileira como um todo. Essa História Viva se encontra nas ruas, nas comunidades, nos bairros, associações, na vida das pessoas.

Foi através dessa abordagem, uma História que se faz presente na vida cotidiana dos estudantes que foi realizado o trabalho com os alunos no estágio de docência em consideração a seguir. Existente uma comunidade quilombola a uma distância relativamente próxima da escola, produziu-se um trabalho de pesquisa sobre as comunidades quilombolas existentes na cidade de Porto Alegre. Abrangendo 7 dos 11 quilombos existentes na cidade, os alunos divididos em grupos, escolheram e construíram coletivamente pesquisas sobre as histórias

dessas comunidades e territórios. Para isso, os estudantes contaram com o Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS (2021) como principal fonte de pesquisa. O resultado foi uma sequência de descobertas dos territórios quilombolas presentes na cidade, muitos dos quais os alunos não conheciam. Mais do que descobrir a existências dessas comunidades, os alunos conheceram as suas histórias, seus personagens e suas lutas por reconhecimento nos dias atuais.

Além da avaliação das pesquisas realizadas, o que realmente importa nesse tipo de trabalho é aproximar os estudantes dos conteúdos e conhecimentos históricos estudados na sala de aula. Aliar conceitos históricos com a realidade dos estudantes produz uma história que “se sente, se vê e se ouve”. A História ganha vida e da mesma forma o pensamento crítico dos alunos. Quem se beneficia com essa aproximação de conteúdos e estudantes não é somente o ambiente escolar mas a sociedade inteira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio de Docência presente nos cursos de licenciatura representa uma grande oportunidade de aprendizado, mas ao mesmo tempo de desafio. É nessa etapa da formação do graduando, geralmente encontrada nos últimos semestres do curso, em que o aluno do ensino superior entra em contato com o ambiente escolar do ensino básico. No campo da história a teoria se encontra com a *práxis* da docência possibilitando uma construção da identidade do graduando como educador. Dialogando com a pedagogia freiriana⁵ de que não se nasce educador mas se torna conforme a reflexão e a construção do conhecimento permanente, pois,

[...] ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (FREIRE, 1991, p. 58).

5 Paulo Freire (1921-1997). Educador, escritor e filósofo brasileiro, patrono da educação brasileira.

O aluno de licenciatura não se torna educador quando entra para a universidade, ele já o é. Engana-se quem pensa que o estágio é o ponto de partida desse educador em formação, na sua escolha inicial de curso em licenciatura, momento em que o estudante já inicia a sua jornada como educador em construção avançando rumo à uma reflexão e um aprimoramento no exercício da docência que não terá fim. Sempre será necessário se atualizar, conhecer novas metodologias, estudar, ler. Nesse sentido, o estágio representa uma ponte fundamental para a execução do educar.

O estudo da história dos quilombos e das comunidades quilombolas no ensino básico, aliado à reflexão dos seus desafios atuais e lutas por reconhecimento, constitui uma importante contribuição para o ensino de história nas salas de aula.

As comunidades são uma importante parcela da sociedade brasileira, com as suas contribuições e tradições culturais/sociais que vão além da visão eurocêntrica de comunidades relegadas ao passado. Se faz necessário ir além da sua mera menção nas aulas de história nas salas de aula, é preciso trazer a discussão das suas lutas atuais e trazer essas questões para a realidade dos estudantes. Como vimos, não se está distante dessas demandas, basta que se olhe e valorize sua importância na formação do pensamento crítico e da construção do conhecimento histórico junto aos alunos.

O papel das professoras e professores de história nessa luta é fundamental, pois cabe a nós trazer uma perspectiva multicultural e outros valores civilizatórios, a partir das fontes africanas e afro-brasileiras, assim, como explorar os acervos existentes nos clubes e associações negros que possuem grande potencial para o ensino de história. Qualquer coisa que vá na contramão disso é negar o direito ao próprio passado, estabelecendo uma monocultura, pois embora a lei 10.639 seja recente, corremos o risco de decorrer mais 20 anos focando na história de grupos hegemônicos e sem a real efetivação dessa lei. As escolas e as professoras e professores são peças chave para abordar esses temas de maneira interdisciplinar, ao longo do ano, e não apenas em datas celebrativas, essas práticas precisam ser institucionalizadas, sempre buscando novas ferramentas e formas de abordar esses temas.

REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A Terra dá, a Terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP n. 003/2004 de 10 de março de 2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 maio de 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Brasília, DF, 2012.

FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LEÃO, Maurício Lemos. **Clubes negros de Porto Alegre: Marcílio Dias e Satélite Prontidão e a criação de um site com acervo digital documental da presença negra em Porto Alegre**. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em História. Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2023.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. Etnográfica, Lisboa, v. IV, n. 2. 2000.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Por uma história do homem negro**. In: RATTTS, Alex. Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Instituto Kuanza, 2006a. p. 93-97

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O conceito de quilombo e a resistência cultural negra**. In: RATTTS, Alex. Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/ Instituto Kuanza, 2006b. p. 117-124

ÔRÍ. Direção de Raquel Gerber. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital. Disponível em: <https://www.facebook.com/100068003666998/videos/document%C3%A1rio-or%C3%AD/677188599155700/> Acesso em: 29 ago. 2023

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado. **Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS** [livro eletrônico]. Porto Alegre, RS: Letra1, 2021.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. In: **Revista Brasileira de História**. Pp. 219-242. V. 9, n.º 19, set. 1989 / fev. 1990.